

11

OS TERREIROS DE UMBANDA NO JAPÃO COMO “PERMANENTES PROVISÓRIOS”: ENTRE FLUXOS MIGRATÓRIOS, PROCESSOS TRANSNACIONAIS E CONTEXTOS LOCAIS

Daniela Calvo

INTRODUÇÃO

A Umbanda se formou a partir de elementos do espiritismo kardecista, do catolicismo popular, e das tradições africanas e indígenas e, ao longo de sua história, incorporou elementos orientais, esotéricos, ocultistas, e da chamada Nova Era. Embora o mito fundador faça remontar a origem da Umbanda a Zélio de Moraes – que recebeu a missão de fundar uma nova religião pelo Caboclo Sete Encruzilhadas, quando Zélio teve uma manifestação mediúnica de incorporação com esta entidade em um centro espírita em Niterói – sua origem se dá de forma rizomática, sem direção única e sem controle centralizado (Giumbelli, 2002; Nogueira, 2017), com a consequente falta de um corpo doutrinário único e a variabilidade de rituais.

Nessa variabilidade, podemos encontrar características comuns e definir a Umbanda mediante alguns traços distintivos: a crença na vida após a morte, na existência dos espíritos e na possibilidade de se comunicar com eles; a incorporação ritual, ou seja, a manifestação dos espíritos, chamados de entidades, no corpo dos médiuns, mediante o qual agem e falam; a representação da sociedade brasileira, mediante as entidades; a consulta com as entidades incorporadas, de quem as pessoas recebem eventualmente conselhos e tratamentos para problemas espirituais, de saúde, financeiros, emocionais e de

relacionamento; a crença na reencarnação e na possibilidade de os humanos e os espíritos evoluírem mediante a prática da caridade; os pontos cantados, que podem ser acompanhados pelos atabaques; os pontos riscados (desenhos que identificam a entidade e constituem pontos de força); as oferendas para as entidades.

A Umbanda se expandiu além das fronteiras nacionais, começando pelo Uruguai nos anos de 1950 (Frigério, 2024), e chegando a vários países da América Latina, do Caribe e da Europa, Estados Unidos, Canadá, Israel, Austrália e Japão. Essa expansão se deu de diferentes formas: pela imigração, por estrangeiros que viajaram ao Brasil para serem iniciados; por viagens de sacerdotes brasileiros por outros países para realizar iniciações e outras atividades litúrgicas; e por um processo de transnacionalização, favorecido pela internet, em que pessoas, ideias, valores e materiais circulam transcendendo as fronteiras nacionais (Argyriadis; Capone, 2011).

No Japão, a Umbanda se espalhou com a imigração dos brasileiros, na maioria descendentes de japoneses, e se mantém por processos transnacionais de circulação de pessoas, espíritos, materialidades, visões de mundo, valores e afetos. A formação e dissolução de grupos religiosos e de terreiros se entrelaça com projetos migratórios (temporários ou permanentes) e sua mudança ao longo do tempo, deslocamentos internos, voltas ao Brasil (às vezes, seguidas por retornos ao Japão), caminhos de vida que se cruzam e separam, diálogos com o mundo espiritual, e a relação com o território e a sociedade japonesa.

A concentração dos brasileiros nas cidades mais industrializadas e o isolamento da sociedade japonesa – causado, sobretudo, pela barreira linguística – favorecem uma intensa socialidade entre brasileiros (Kataoka, 2021) e a busca de cuidado, de significado e de uma rede de

apoio na esfera religiosa. Isso se manifesta em uma maior adesão às religiões (incluído aquelas de origem japonesa) mais difundidas no Brasil, como as igrejas neopentecostais, o protestantismo brasileiro, o catolicismo, o espiritismo, a Umbanda, e os movimentos Soka Gakkai e Sekai Kyūseikyō (Quero; Shoji, 2014).

Este trabalho visa explorar os processos de expansão e desenvolvimento da Umbanda no Japão, as imbricações com os processos migratórios, a relação com a sociedade e o território de acolhida, e a circulação, no Japão e entre o Japão e o Brasil, de pessoas, espíritos, visões de mundo, valores e materiais.

A pesquisa se baseia numa primeira exploração da imigração dos brasileiros e da Umbanda no Japão, começada em outubro de 2023, numa pesquisa etnográfica no CURO – *Centro de Umbanda Reino dos Orixás*, com sedes nas províncias de Toyama e de Shizuoka e dirigido por Mãe Mariliza de Morães Nezen – e na análise das redes sociais, especialmente de grupos e páginas de Facebook de brasileiros no Japão e da Umbanda no Japão.

O artigo se estrutura em três seções. Na primeira seção, apresento uma análise socioantropológica da migração de brasileiros para o Japão; na segunda seção exploro a difusão da Umbanda no Japão e os processos de formação, desenvolvimento, ramificação e dissolução dos terreiros; na terceira seção analiso a criação de redes e relações mediante a internet e a circulação de pessoas, objetos e ideias.

A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NO JAPÃO

A brasileira é a quinta população estrangeira no Japão, com cerca de 209.000 pessoas, após as da China, Coréia do Sul, Vietnã e Filipinas¹. A imigração consiste, em sua maior parte, na volta de descendentes de japoneses imigrados para o Brasil, então pode ser vista como uma imigração de retorno (Tsuda, 1999). Foi favorecida pela colaboração entre o Brasil e o Japão, que teve começo em 1895, com o Tratado de Amizade, de Comércio e de Navegação Japão-Brasil e se reforçou com a expansão das empresas japonesas no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Desde 1908 até 1979, cerca de 250 mil japoneses imigraram para o Brasil, especialmente para os estados de São Paulo e, em medida menor, para o Paraná, onde encontraram trabalho na agricultura, principalmente nas plantações de café.

No Brasil, os japoneses e seus descendentes (conhecidos como *nikkei*) superaram 1,5 milhões de pessoas e constituem, atualmente, a maior comunidade japonesa fora do Japão. Eles conseguiram acumular dinheiro e ascender socialmente e são vistos como uma “minoría positiva” (Tsuda, 2003), mas, imigrando para o Japão, enfrentaram uma perda de status social (Arakaki, 2016, p. 276), já que exercem, sobretudo, trabalhos desqualificados (muitas vezes, inferiores a suas atividades no Brasil e a seu nível escolar).

A imigração de brasileiros para o Japão teve início com as obras de construção para os Jogos Olímpicos de Tokyo, em 1964, e começou a crescer durante a bolha econômica do final da década de 1980, quando o Japão incentivou a recepção de imigrantes, especialmente dos descendentes de japoneses (*nikkeijin*) residentes no exterior.

¹ Esses dados se baseiam nas estatísticas do Gabinete de Imigração do Ministério da Justiça do Japão, e se referem ao ano de 2021.

O número dos imigrantes brasileiros no Japão aumentou rapidamente com a emenda da Lei de Imigração em 1990 – que coincidiu com a recessão econômica do Brasil, após a crise do petróleo – e continua crescendo, exceto no período imediatamente sucessivo à crise econômica global de 2008 e durante a pandemia de Covid-19. Mediante a emenda de 1990, os descendentes de japoneses até a terceira geração que moravam no exterior e suas famílias tiveram acesso a um visto permanente, sem restrição ao tipo de atividade, o que permitiu que pudessem ser contratados em todo tipo de indústria e ocupação. Isso favoreceu a chegada de um grande número de trabalhadores, inicialmente, sobretudo, homens solteiros ou não acompanhados por suas famílias, para trabalhar nos empregos denominados 5K² (especialmente na indústria de manufatura).

A presença de brasileiros é maior nas seguintes províncias: Shizuoka, Aichi, Mie, Gunma, Shiga, Gifu, Shimane e Fukui (onde superam a percentagem de 0,05% da população total), concentrando-se nas cidades industriais, em particular em Hamamatsu, na província de Shizuoka (Kataoka, 2021).

A maioria dos brasileiros chegou ao Japão com a intermediação de empreiteiras, que oferecem o trabalho e a assistência com a viagem, a moradia (muitas vezes, em edifícios de propriedade das empresas em que trabalham ou alugados por elas) e a documentação, mas que limitam suas possibilidades de escolha, concentram a população brasileira em certas áreas geográficas e precarizam suas condições de trabalho e moradia. Como consequência, uma característica peculiar dos imigrantes brasileiros – que os diferencia, por exemplo, dos coreanos, chineses e

² 5K se refere a cinco palavras japonesas: *kitsui*, *kitanai*, *kiken*, *kirai*, *kibishī* (pesado, sujo, perigoso, detestável, duro).

filipinos – é a grande mobilidade no território nacional em busca de melhores condições de emprego e de moradia (Kataoka, 2021), especialmente por quem chegou sozinho e depois conseguiu trazer sua família.

O visto permanente não está necessariamente ligado a planos de longa estadia no Japão, já que se torna vantajoso pelo acesso ao crédito na compra de uma casa e outros bens ou por não precisar de ser renovado. Por outro lado, o governo japonês se refere aos latino-americanos como *dekasegi roudousha* (imigrantes temporários) (Quero, Shoji, 2014, p. 7). O termo “permanentes provisórios” proposto por Ana Elisa Yamaguchi (2010), expressa esta condição.

Voltar para o Brasil após poucos anos e com o dinheiro suficiente para comprar uma casa ou abrir uma atividade se tornou mais difícil com o agravamento da situação econômica japonesa em 1990. Todavia, há ainda brasileiros que imigram para o Japão com esse propósito, muitas vezes iludidos pelas promessas das empregadoras, como evidenciado nos grupos de Facebook dos brasileiros que moram no Japão e por meus entrevistados. Como consequência, muitos brasileiros prolongaram sua estadia e começaram a trazer suas famílias ou a formar uma família no Japão, o que tornou mais difícil voltar para o Brasil – sobretudo quando os filhos estão inseridos na sociedade japonesa.

Muitos brasileiros, embora após muitos anos no Japão, continuam alimentando a esperança de voltar ao Brasil após terem conseguido guardar suficiente dinheiro ou a aposentadoria, ou a continuar a deslocar-se entre Brasil e Japão, o que levou Hiromi Kataoka (2021) a defini-los “repetidores persistentes”. Esse termo pode ser empregado também para descrever o baixo grau de mobilidade social entre gerações, já que muitos jovens nascidos ou crescidos no Japão continuam nos empregos 5K, como seus pais.

Alguns conseguem guardar o dinheiro obtido nas fábricas para fazer cursos (principalmente com outros brasileiros no Japão, ou online do Brasil) e oferecer serviços³ ou abrir uma atividade própria, na maioria dos casos, direcionados à comunidade brasileira, como mercados, restaurantes, bares, boutiques, salões de beleza, lojas de computadores, telefones e eletrônica, autoescolas, agências imobiliárias, agências de viagem e escolas. Além da culinária e das religiões, os brasileiros trouxeram para o Japão também outros elementos de sua cultura, como a música, o samba e a capoeira.

No pouco tempo livre deixado pelo trabalho em fábricas, os brasileiros tendem a relacionar-se entre si, preferindo dedicar-se à família ou participar de encontros, jantares e churrascos em habitações privadas.

Esses fatores – em conjunção com a oferta (desde a década de 1990), pelo governo japonês, de serviços de tradução nos escritórios públicos e nas clínicas das cidades onde há maior concentração de brasileiros, e a presença de muitos conacionais em certas áreas e fábricas – permitem que seja possível viver o dia a dia falando somente o português. De fato, também muitos brasileiros que moram há mais de 20 anos no Japão e têm planos de ficar no país têm um baixo nível da língua japonesa, o que leva a um baixo grau de sociabilidade com vizinhos e colegas japoneses. Isso se reflete na tendência a se casarem entre si (Ishikawa; Hanaoka, 2021, p. 39).

A escolha de fazer estudar os filhos numa escola brasileira, onde o aprendizado da língua japonesa é escasso, é, frequentemente, determinada pelos planos de voltar para o Brasil, mas, em alguns casos,

³ Entre meus entrevistados, encontrei pessoas que trabalham com massagem, hipnoterapia, moda, maquiagem, tarot e culinária.

também pelo medo que os próprios filhos sofram na escola as mesmas situações de bullying e rejeição que os pais sofrem nas fábricas. Ademais, as condições financeiras da maioria das famílias brasileiras não permitem que seus filhos cursem uma faculdade. Como consequência, se prolongam, nas gerações, o isolamento da sociedade japonesa e o emprego em trabalhos 5K.

A difusão das redes sociais e da internet favorece a formação de comunidades virtuais, não necessariamente baseadas na proximidade física, e, muitas, vezes, permite trocas de informações e conselhos com brasileiros antes de sua chegada no Japão. A plataforma mais usada é o Facebook, onde páginas e grupos genéricos ou centrados em interesses específicos hospedam trocas de informações de trabalho e serviços, divulgação da própria atividade ou mercadoria, notícias, conteúdos culturais e religiosos. Há também brasileiros residentes no Brasil que usam esses espaços virtuais para divulgar seus serviços e ampliar sua clientela para outros países.

A DIFUSÃO DA UMBANDA NO JAPÃO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO E EXPANSÃO DE UM TERREIRO

A Umbanda se difundiu e enraizou no Japão com a imigração dos brasileiros, que trouxeram consigo seus espíritos, visão de mundo, modo de existência e práticas religiosas. Embora seja provável que a Umbanda fosse praticada no Japão desde o começo da imigração brasileira, em ambiente doméstico ou em pequenos grupos, o rápido crescimento do número de imigrantes com a emenda da Lei de Imigração de 1990 e a concentração dos brasileiros nas áreas mais industrializadas favoreceu o surgimento de terreiros. Arakaki (2016) situa os primeiros grupos no final da década de 1990, seguidos por alguns terreiros criados logo depois, e registrou a presença, em 2010, de

cerca dez terreiros nas províncias de Aichi, Mie, Gifu, Shiga, Shizuoka e Gunma.

Desde 2010, os terreiros de Umbanda duplicaram seu número, já que, em minha pesquisa, contei 19 terreiros e observei uma distribuição espacial maior, embora continue havendo um número maior de terreiros nas províncias com maior concentração de brasileiros. Atualmente, os terreiros se situam (em ordem decrescente) nas seguintes províncias: Gifu (5), Mie (4), Shizuoka (2), Aichi (2), Toyama (1), Gunma (1), Fukui (1), Shiga (1), Kanagawa (1) e Kantō (1). Nota-se que Gifu, Mie, Shizuoka e Aichi, onde há mais de um terreiro, têm uma grande concentração de brasileiros.

Nesses terreiros são praticadas diferentes vertentes da Umbanda, o que reflete a variabilidade presente no Brasil, e se manifesta nas linhas, nas práticas, na doutrina, em diferentes graus de proximidade com o espiritismo, ou nos casos em que a Umbanda é traçada com o Candomblé ou a Quimbanda.

Há uma contínua formação de novos terreiros, mas também uma certa precariedade: os terreiros podem se transferir de uma cidade para outra, se ramificar em diversas sedes e filiais, se dividir ou fechar, geralmente por vicissitudes biográficas do/a dirigente como a morte, a volta para o Brasil ou a mudança para outra cidade dissídios internos ou escassez de recursos financeiros. Com o tempo, as filiais podem continuar a relação com o terreiro de origem, prosseguir de forma autônoma ou estabelecer novas relações com outros sacerdotes no Japão ou no Brasil.

Essa precariedade – que é acompanhada, por outro lado, por uma grande dedicação e luta para continuar a praticar a Umbanda e manter o terreiro em funcionamento em meio a várias dificuldades – está ligada ao processo migratório, à mobilidade dos brasileiros no território

japonês e entre o Brasil e o Japão, e a contínuas renegociações dos planos de vida. Portanto, podemos estender aos terreiros de Umbanda o termo “permanentes provisórios” que Yamaguchi (2010) emprega para definir a condição dos imigrantes brasileiros no Japão.

Por exemplo, nos primeiros quatro meses de 2024 abriram dois novos terreiros e, dos três terreiros de Umbanda em que Arakaki (2014) conduziu sua pesquisa, dois fecharam e o terceiro, após 23 anos de atividade, parece ter um destino incerto em consequência do afastamento do pai de santo.

A história do CURO, fundado em 2013, evidencia o processo de expansão do grupo inicial, a formação de uma nova sede, com a mudança de Mãe Mariliza, a criação de filiais, e o processo de busca de um espaço apropriado.

Mãe Mariliza se transferiu para o Japão com seu marido e suas três filhas pequenas com a esperança de assegurar um futuro melhor para elas. Sua imigração, portanto, se configurou como permanente desde o começo, o que influenciou a escolha de fazer as filhas estudarem numa escola japonesa.

Mãe Mariliza se aproximou, antes, do espiritismo kardecista e, depois, da Umbanda no Japão, na busca de explicações sobre o sentido da vida e de suas experiências de mediunidade. Após seu desenvolvimento e aquisição de conhecimento, começou a ser procurada por brasileiros (provenientes das redondezas, já que a região não apresenta grande concentração de brasileiros) interessados na Umbanda, com que fazia reuniões de estudo da doutrina espírita e umbandista e atendimentos em sua casa. Na medida em que o grupo foi crescendo, procurou um lugar mais amplo para as reuniões e os rituais. Nesse processo, mudou-se de espaço três vezes, incluído um contêiner que construiu no jardim de sua casa e depois expandiu. Em 2019, ela e

seu segundo marido, César – que a assiste e acompanha em suas atividades sacerdotais – compraram uma casa com um terreno perto da floresta em Oyabe (Toyama), onde ela estabeleceu a sede do CURO.

Na mesma época, Mãe Mariliza teve que deixar o trabalho em fábrica por dores nos ombros e decidiu abrir a loja *M&N Artigos Religiosos*, onde vende produtos importados do Brasil, costura as roupas para médiuns e entidades, produz velas, vende artesanato produzido por filhos de santo e amigos (taças, bonecas, colares, adesivos, patuás), e oferece consultas com o baralho cigano. Sua escolha foi influenciada pelo medo dos obstáculos da intolerância religiosa a uma atividade comercial própria.

O “boca a boca” entre os brasileiros, os contatos com outros umbandistas estabelecidos mediante a loja e a presença nas redes sociais, levaram Mãe Mariliza a conhecer outros sacerdotes, praticantes e interessados na Umbanda também de outras províncias. Em 2022, começou a viajar para Shizuoka para atender os pedidos de assistência a um grupo de médiuns que tinha saído de outro terreiro e, quando apareceu a ocasião para um trabalho melhor para César em Shizuoka, teve que enfrentar a difícil escolha sobre uma possível mudança, já que não queria abandonar seus filhos de santo em Toyama.

A consciência da missão de cuidar dos outros e da maior necessidade dos médiuns de Shizuoka de sua presença, a possibilidade de deixar o terreiro de Toyama nas mãos das duas mães pequenas (Carol e Marília) e a relativa independência do grupo – onde a maioria dos médiuns estava já num estágio avançado de desenvolvimento – e alguns acontecimentos, que interpretou como sinais de que a escolha melhor era ir morar em Shizuoka, a levaram à mudança. De fato, a primeira gira que realizou em Shizuoka foi na praia e, embora não tivesse feito nenhuma divulgação, teve uma afluência de mais de cem pessoas; um

dia decidiu ir à praia para pedir conselhos a Iemanjá, e as ondas trouxeram a seus pés um bastão, que se tornou um adereço ritual de seu Exu do Lodo.

No final de 2023, Mãe Mariliza se mudou para Kikugawa (na província de Shizuoka) e, em dezembro, fez a inauguração da nova sede da loja *M&N Artigos Religiosos* nos cômodos de frente de sua casa, em que participaram vários membros do CURO de Toyama e de Shizuoka, e de outros terreiros localizados nas redondezas.

O grupo de Shizuoka que estava se formando, e que, em poucos meses, chegou a cerca de 15 médiuns, participa também das giras em Toyama que Mãe Mariliza realiza uma ou duas vezes por mês após sua mudança. Em março de 2024, Mãe Mariliza conseguiu um espaço onde estabelecer a sede do CURO em Shizuoka: um galpão (de propriedade de brasileiros) alugado, onde as giras vão acontecer nos domingos à tarde, já que a presença de habitações nas proximidades não permite de tocar sábado à noite.

No começo de sua atividade em Shizuoka, Mãe Mariliza fez vários rituais em espaços naturais (a praia e a floresta), o que a obrigou a uma preparação ritual do espaço antes de começar a gira, mas possibilitou a participação de um grande número de pessoas. Com a chegada do inverno, as giras aconteceram em um casarão (também esse, de propriedade de um brasileiro) nas florestas na província de Aichi (perto de Shizuoka), com a participação de médiuns de Shizuoka e de Toyama.

O desejo de estar presente para os dois grupos e de uni-los leva Mãe Mariliza e César a se deslocarem frequentemente entre Shizuoka e Toyama, enfrentando uma viagem de mais de quatro horas e encaixando as giras com os dias de folga do trabalho de César.

A difusão da internet permite a Mãe Mariliza realizar reuniões com os dois grupos, como um encontro de que participei no final de março

de 2024 – que se realizou presencialmente na loja *M&N Artigos Religiosos* para os membros de Shizuoka, e virtualmente para as pessoas de Toyama e de quem, por exigências de trabalho, não podia estar presente – e de ministrar semanalmente aulas sobre a doutrina e os fundamentos da Umbanda.

Mãe Mariliza fez também os assentamentos e as firmezas para outros centros de Umbanda: um centro na casa de amigos em Shizuoka (que continuam frequentando o CURO), onde celebrou algumas giras no começo de sua atividade na região, e que continuou para uso familiar, sendo que tinha como finalidade principal proteger sua habitação das energias e dos espíritos que ficam presos à matéria, já que eles têm um *katasuke*⁴ e trazem para sua casa os objetos (e, com eles, os espíritos e as energias) para serem separados para reciclagem; e para o centro *Luz de Maria* de Sandra e seu marido Sérgio, na prefeitura de Kanagawa, onde Mãe Mariliza dirige as giras (que foram abertas ao público pela primeira vez em março de 2024), com a participação de alguns médiuns do CURO de Shizuoka.

Em paralelo aos terreiros, há, no Japão, inúmeros grupos que se reúnem na habitação privada de um membro para reuniões, estudo da doutrina, desenvolvimento mediúnico e rituais. Esses grupos podem se expandir e chegar a formar um novo terreiro, mas podem, ao contrário, resultar do fechamento de um terreiro, como no caso de um senhor, que reúne periodicamente no salão de sua casa na província de Aichi alguns irmãos de santo que ficaram desamparados depois que o terreiro que frequentavam fechou com a morte do pai de santo.

Não há muitas relações e colaborações entre os diferentes terreiros e sacerdotes, que, todavia, se conhecem mediante as redes sociais, as

⁴ Empresa que esvazia as casas da mobília e de tudo seu conteúdo.

peças que passam de um terreiro para outro (muitas vezes, revelando seu descontento ou trazendo dúvidas em relação a práticas e comportamentos), ou se encontram em ocasiões tais quais a inauguração de uma loja de artigos religiosos ou o *Samba de terreiro*, um evento de samba e pontos de terreiro organizado por praticantes da Umbanda, mas não vinculado a nenhum terreiro, que acontece, desde o final de 2023, numa casa de show no centro de Hamamatsu, que é a cidade japonesa com a maior concentração de brasileiros (Kataoka, 2021).

Alguns médiuns têm seu congá⁵ num cômodo da casa, onde rezam para os orixás e as entidades, firmam a vela do anjo da guarda e realizam as oferendas.

Há também certa mobilidade entre os diferentes terreiros, na maior parte por conflitos internos ou descontento com a introdução de novas práticas ou linhas.

Geralmente, os terreiros começam com a formação de pequenos grupos, que se reúnem na casa de um membro, que firmou seu congá com as estátuas das entidades ou, quando o clima o permite, em lugares da natureza como florestas, cachoeiras e praias; começam a expandir-se mediante um “boca a boca” ou a divulgação das próprias atividades nas redes sociais, chegando a precisar um espaço maior, que geralmente começa com o aluguel ocasional de casarões ou galpões (na maioria dos casos, de propriedade de brasileiros), o aluguel ou a construção de um container, o aluguel ou a compra de um imóvel para realizar as reuniões, o desenvolvimento mediúnico e as giras – inicialmente fechadas, e depois abertas para amigos e uma assistência mais ampla, e divulgadas nas redes sociais.

⁵ Altar.

As dificuldades econômicas de muitos brasileiros têm consequências na possibilidade de alugar ou comprar um espaço mais amplo para fundar um terreiro.

A maioria dos terreiros se encontra em lugares afastados dos centros habitados, onde é possível estacionar – já que a maioria dos brasileiros se desloca de carro –, é mais fácil se reunir, tocar e cantar sem incomodar à vizinhança, e estar em contato com a natureza.

REDES SOCIAIS, RELAÇÕES E CIRCULAÇÕES DE PESSOAS, OBJETOS, ESPÍRITOS E SENTIDOS

As redes sociais facilitam o contato e a troca de informações entre as pessoas interessadas na Umbanda, e a formação de novos grupos e terreiros.

A maioria dos terreiros de Umbanda têm uma página de Facebook, onde compartilham suas atividades, giras, oferta de serviços religiosos, conselhos de vida, rezas, cantigas, conteúdos sobre os espíritos, a ética e a visão de mundo da Umbanda. Em alguns casos, são divulgadas também fotos, lives e vídeos com as giras e as mensagens das entidades incorporadas, tornando possível uma participação virtual heterolocalizada, mas provocando também polêmicas entre outros praticantes mais ligados à tradição ou à privacidade da relação com as entidades, que rotulam essas exibições como “marmotagem”, vaidade ou falta de respeito com as entidades.

Sacerdotes recém-chegados do Brasil fazem amplo uso das redes sociais (principalmente o Facebook) para divulgar suas atividades religiosas e entrar em contato com outros umbandistas que moram nas proximidades. Em paralelo, umbandistas ou pessoas interessadas na Umbanda (para continuar suas práticas religiosas após sua imigração para o Japão, após ter saído de outro terreiro, na busca de conselho e

cuidado para seus problemas, ou no começo de seu interesse pela religião) fazem um amplo uso do Facebook para procurar um terreiro e entrar em contato com os sacerdotes.

Há também várias páginas e grupos de Facebook centrados na Umbanda no Japão, que permitem uma interação entre praticantes e pessoas interessadas na Umbanda em todo o Japão, trocas de notícias e informações sobre vários terreiros e atividades relacionadas à Umbanda, e que oferecem um espaço de divulgação de produtos e serviços ligados à religião. Um desses grupos, *Umbanda no Japão*⁶, tem postagens periódicas, pedindo para divulgar o próprio terreiro, e semanais, perguntando a linha da gira semanal nos terreiros.

Esses grupos de Facebook hospedam também anúncios de cursos online, jogos de baralho cigano, tarot e búzios e serviços mágicos de diversos pais e mães de santo da Umbanda (e outras religiões, como o Candomblé e a Quimbanda) que moram no Japão e, em medida menor, no Brasil.

As lojas de artigos religiosos (em sua maioria, somente virtuais), artesãos que produzem roupas, acessórios, estátuas, fios de conta, pulseiras, patuás, taças e velas, e pessoas que possuem uma horta e oferecem plantas usadas na Umbanda⁷ se servem desses grupos para divulgar seus produtos e ampliar sua clientela, em paralelo a uma página própria, onde frequentemente fazem lives com ofertas e rifas, sobretudo quando chegam novas mercadorias do Brasil.

A difusão da internet favorece também a continuação e a criação de contatos entre os praticantes de Umbanda no Japão e no Brasil:

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/236565353341207>. Acesso em 18/04/2024.

⁷ A flora japonesa é bastante rica e inclui muitas plantas usadas na Umbanda; outras plantas foram importadas do Brasil e são vendidas em viveiros ou são cultivadas em casa. Todavia, é difícil encontrar algumas plantas e sementes que não estão no Japão e não é permitido importar.

recém-imigrados conseguem continuar a comunicação com seu sacerdote no Brasil⁸, frequentemente em paralelo à frequência de um terreiro no Japão; alguns terreiros mantêm a ligação com o terreiro matriz no Brasil; redes e colaborações se criam, negociam e também se desfazem.

Por exemplo, Mãe Mariliza começou uma relação de amizade e colaboração com Pai Márcio Kain, pai de santo da *Sociedade Espírita de Umbanda Bom Pastor*, localizada em Sorocaba/SP, mediante a Internet. Seu esposo, César, que gosta de ver vídeos e procurar conteúdos relativos à Umbanda no YouTube, lhe apresentou o canal *Umband'boa* – em que Pai Márcio Kain compartilha vídeos sobre diferentes temas relacionados à Umbanda – já que viu muita proximidade entre a forma de conceber e praticar a Umbanda de Mãe Mariliza e a fala de Pai Márcio. Após ter assistido aos vídeos, Mãe Mariliza contatou Pai Márcio e começou um diálogo que passou pelo atendimento de seus cursos EAD, uma entrevista com ele na página Facebook do CURO, e uma troca de informações, mensagens e opiniões que continua há muitos anos.

Em alguns casos, esses contatos virtuais se concretizam com a vinda de sacerdotes do Brasil para o Japão, como uma mãe de santo do Candomblé, baiana, que, no começo de 2024, foi para a província de Shizuoka com um *ôgá*⁹ de seu terreiro, sob o convite de uma mãe de santo.

O uso exclusivo do português nessas páginas de Facebook revela a falta de interesse em alcançar também a população japonesa, cuja presença é, de fato, rara nos terreiros de Umbanda: usualmente, os

⁸ Com o prolongamento da estadia no Japão, os umbandistas tendem a afrouxar os contatos com seu terreiro de origem no Brasil, sobretudo quando começam a frequentar um terreiro no Japão.

⁹ Cargo sacerdotal do Candomblé, desempenhado por homens que não incorporam os orixás, e que recobrem atividades como o toque dos atabaques, o canto e o sacrifício ritual.

japoneses vêm acompanhados por amigos brasileiros para obter ajuda em caso de problemas de várias naturezas. Nesses casos, os membros do terreiro que têm melhor conhecimento do japonês ajudam na tradução, já que, como me explicou Mãe Mariliza, uma entidade consegue falar japonês somente se o médium que a incorpora fala a língua. Por exemplo, um jovem japonês foi trazido para o CURO por um médium do terreiro, que viu nele certa afinidade com a Umbanda e, de fato, começou a frequentar as giras e depois a fazer os primeiros passos no conhecimento da Umbanda e no desenvolvimento mediúnico. Mas, de acordo com Mãe Mariliza, ele é somente o segundo japonês que chega ao CURO em seus dez anos de atividade.

A Umbanda fica, portanto, despercebida na sociedade japonesa, onde a longa convivência de várias religiões favorece também certa abertura e, de fato, não encontrei relatos de intolerância religiosa por japoneses entre meus entrevistados. Mãe Mariliza me contou também que eles nunca tiveram problemas com a polícia, mas ela tem o cuidado de ir à delegacia mais próxima antes de abrir um terreiro para avisar da presença de um centro religioso com a consequente circulação de muitos brasileiros em ocasião das giras.

Um contato maior com a sociedade japonesa é estabelecido mediante as ações de caridade, principalmente na forma de distribuições periódicas de comida, roupa, cobertores e produtos de higiene aos moradores de rua nas praças das cidades, realizadas por alguns terreiros e compartilhadas em suas redes sociais. Essas ações permitem também de influenciar positivamente a percepção dos brasileiros entre os japoneses.

Ao contrário, tive vários testemunhos de casos de intolerância religiosa por brasileiros evangélicos, que nunca chegaram a episódios de violência física contra pessoas ou terreiros, e se limitam a

comentários, evitação e discriminação no lugar de trabalho, ou a tentativas de evangelização.

Entre os praticantes da Umbanda, incluídos os sacerdotes, muitos entraram em contato com a Umbanda no Japão pela primeira vez; outros tinham tido prévios contatos com a Umbanda ou frequentavam um terreiro já no Brasil, e ficaram afastados por um tempo quando chegaram no Japão – sobretudo aqueles que chegaram antes da difusão de internet e das redes sociais – ou chegaram à Umbanda do espiritismo ou do Candomblé. De fato, contrariamente ao que acontece usualmente no Brasil, onde a passagem da Umbanda ao Candomblé se apresenta frequentemente como um percurso natural de aprofundamento da relação com o próprio orixá e segue uma tendência mais geral de “africanização” da Umbanda (Capone, 2009), no Japão é comum a passagem inversa: pessoas iniciadas no Candomblé no Brasil, em alguns casos, após ter ficado afastados do culto por vários anos, se aproximaram da Umbanda, como um dos curimbeiros¹⁰ do CURO, que se iniciou como *ògá* do Candomblé no Brasil.

Não há terreiros de Candomblé no Japão, devido a numerosos obstáculos, como a dificuldade em encontrar alguns materiais (especialmente plantas e sementes), as restrições do governo japonês em relação ao sacrifício animal, e a situação econômica precária de muitos brasileiros, que pode dificultar a compra de um terreno ou um edifício onde fundar um terreiro. Os pais e as mães de santo do Candomblé que estão no Japão praticam seus rituais – com adaptações e limitações –, em alguns casos com grupos organizados, em sua casa, nas casas de seus clientes ou filhos de santo, em espaços alugados, lugares da natureza ou terreiros de Umbanda de sacerdotes amigos, ou

¹⁰ Médiúm que toca os atabaques e canta durante as giras.

abriram um terreiro de Umbanda traçada com o Candomblé e oferecem consultas e atendimentos.

Dessa forma, a Umbanda no Japão apresenta uma estrutura rizomática, não somente na doutrina e nas práticas, mas também em sua formação e expansão espaço-temporal e nas múltiplas relações que ligam terreiros, lideranças religiosas e praticantes que moram no Japão e, em menor grau, no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de difusão da Umbanda no Japão e as modalidades em que grupos religiosos e terreiros se formam, ramificam, dividem e fecham está estritamente ligada ao processo de imigração, às relações com o país de origem e o país de acolhimento (que, para muitos, é também a terra de seus antepassados) e às circulações (no Japão e entre Japão e Brasil) de pessoas, espíritos, visões de mundo, valores, afetos e materialidades, que tomaram novas formas e encontraram novas possibilidades de difusão com a internet.

A Umbanda se apresenta como um espaço de acolhimento e cuidado, onde a comunidade religiosa tem a potencialidade de reforçar e ampliar as relações entre brasileiros, amenizar a solidão e favorecer trocas de afetos e solidariedade, ajudar a encontrar soluções práticas aos problemas cotidianos mediante a formação de redes de apoio, conselhos e soluções mágicas, oferecer sentido a acontecimentos dramáticos e ao próprio caminho de vida. Mas é atravessada também por tensões e conflitos: em seu interior, podendo levar as pessoas ao afastamento do terreiro ou da religião; entre diferentes terreiros, por polêmicas e circulação de fofocas, concernentes comportamentos na esfera religiosa ou ética, e entre os brasileiros, onde a intolerância

religiosa de segmentos neopentecostais contra a Umbanda persiste no contexto de imigração.

REFERÊNCIAS

- ARAKAKI, U. Becoming Brazilian in Japan: Umbanda and Ethnocultural Identity in Transnational Times. In: QUERO, H. CÓRDOVA; SHOJI, R. (ed.). **Transnational Faiths. Latin-American Immigrants and their Religions in Japan**. Surrey; Burlington: Ashgate, 2014. p. 171-187.
- ARAKAKI, U. Nipo-brasileiros entre pretos velhos, caboclos, monges budistas e samurais: um estudo etnográfico da Umbanda no Japão. In: ROCHA, C.; VÁSQUEZ, M. A. (eds.). **A diáspora das religiões brasileiras**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2016. p. 273-297.
- ARGYRIADIS, K.; CAPONE, S. Adaptations et réappropriations dans la religion des *orisha*. La relocalisation des religions afro-américaines en question. In: ARGYRIADIS, K.; CAPONE, S. (org.). **La religion des orisha**. Un champ social transnational en pleine recomposition. Paris, Hermann, 2011. p. 9-44.
- CAPONE, Stefania. **A Busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil**. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Pallas, 2009.
- FRIGÉRIO, A. Tradução cultural: o aspecto negligenciado da transnacionalização religiosa. In: ORO, A. P. (org.). **Fluxos religiosos transnacionais**. Brasília: ABA Publicações, 2024. p 94-113.
- GIUMBELLI, E. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, V. GONÇALVES (org.). **Caminhos da alma: memória afro-brasileira**. São Paulo: Summus, 2002.
- ISHIKAWA, Y.; HANAOKA, K. Overview of Ethnic Enclaves as Example Cases. In: ISHIKAWA, Y. (ed). Ethnic Enclaves in Contemporary Japan. **International Perspectives in Geography**, vol 14. Singapore: Springer, 2021. p. 17-44.
- KATAOKA, H. Brazilian Residents as Persistent repeaters and their Enclaves. In: ISHIKAWA, Y. (ed). **Ethnic Enclaves in Contemporary Japan**. International Perspectives in Geography, vol 14. Singapore: Springer, 2021. p. 125-151.

NOGUEIRA, L. CARRER. **Da África para o Brasil, de Orixá a Egum**: As ressignificações de Exu no discurso umbandista. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2017.

QUERO, H. CÓRDOVA; SHOJI, R. Introduction. In: QUERO, H. CÓRDOVA; SHOJI, R. (ed.). **Transnational Faiths**. Latin-American Immigrants and their Religions in Japan. Surrey; Burlington: Ashgate, 2014. p. 1-31.

TSUDA, T. The Permanence of “Temporary” Migration: the “Structural Embeddedness” of Japanese-Brazilian Immigrant Workers in Japan. **The Journal of Asian Studies**, v. 58, n. 3, p. 678-722, 1999.

TSUDA, T. **Strangers in the Ethnic Homeland**: Japanese Brazilian Return Migration in Transnational Perspective. New York: Columbia University Press, 2003.

YAMAGUCHI, A. E. Considerações sobre a classificação da migração de retorno: estudo comparativo de regiões de alta e baixa concentração de brasileiros no Japão. **Jochi Daigaku Ibero-America Kenkyusho** (Encontros Lusófonos), v. 12, p. 37-70, 2010.